

INAUGURAÇÃO DO “THEATRO CLUB” DO GRÉMIO DE INSTRUÇÃO E RECREIO



Na Pampilhosa

Nada mais bem combinado: jantava no Hotel Avenida com o Fernandes Costa ás 7 horas; cavaco puxa cavaco, levantava-se a gente a meza ás 8 e meia; passeava um quarto de hora a ver se haveria motivo para ficar; ás 8 e 48 metia-se no rápido para a Pampilhosa; assistia á inauguração do theatro e á uma hora estava em Coimbra outra vez.

Uma noite bem passada!

Não havia nada melhor combinado.

Jantei alegremente, conversei, ri, e ás 9 e 20 estava eu só na Pampilhosa.

Esperava ver muita luz, ouvir foguetes, uma philarmonica a tocar, gente a correr açodada, toda a animação ruidosa das inaugurações dos theatrinhos das terras pequenas.

Olhei e não vi dos lados do theatro clarão de maior.

Puz o ouvido á escuta e nada ouvi.

Os empregados arrastavam-se com o andar lasso do costume pela estação. Havia manobras de trens, silenciosas, na sombra.

Teriam transferido o espectáculo?

Era o que faltava!

Mal chego á porta ouço uma voz alegre dizer:

— Ora ahi está quem vem representar!

Tomo o dito como allusão ás minhas escandalosas barbas brancas e fico meio arreliado.

— Ora viva o seu Zé ! ...

Vou a corrigir e a dizer que não sou o Zé, que sou o Quim, quando me salta adeante de varapau e chapéu redondo um homem que se põe aos abraços ao outro.

O Zé era elle, um rapagão corado, de gravata garrida, o rosto animado com a gravata, com um olhar vivo, e uma vontade de fallar em todo o rosto, que bem parecia em verdade que vinha para dizer um monologo.

Entro e fico alegremente surprehendido.

O theatro é alegre, com um tom artístico que se vê até na grade de madeira que ao fundo serve de teia á musica e que tem com motivo decorativo uma lyra.

No panno do fundo, Apollo de lyra contra o peito e braço estendido " recita a *Judia* ás musas.

Estam só quatro.

As outras fugiram de Apollo e fizeram bem, coitadas.

O tecto é alegre, cheio de nuvens brancas, pequeninas, como algodão cardado, por detraz das quaes anginhos estendem fitas coloridas de seda.

As columnas que sustentam o tecto são elegantes, de um córte moderno.

A meia altura correm os camarotes decorados com escudetes tendo os nomes dos nossos grandes autores dramáticos.

O publico é aceiado, com um ar de alegria e festa, gente forte, cora rostos de saúde, e riso alto e franco

Abundam os empregados do caminho de ferro, que olham para mim com um ar de quem me conhece bem E eu fico sem saber se hei de cumprimentar.

Estou cada vez mais tímido...

Rompe a orchestra, bem composta, superiormente dirigida por Ribeiro Alves.

Acaba o trecho entre applausos. Os camarotes estão já cheios de senhoras, com toilettes elegantes, de bom córte, e um bom gosto que surprehende.

Torna a tocar a musica.

Deante de mim um clarinete pequenito com uma camisa de riscas azues, vermelhas e brancas que me parecem accentuadas por uma gravata vermelha, num symbolismo intencional.

Tocam a *Manon*, e o trecho é do clarinete que, no esforço longo, baixa a ponta do nariz e arredonda os buracos pequeninos das narinas.

O clarinete engole engasgado a ultima nota, acaba a *Manon* e sóbe o panno para o *Desquite*.

Lembram-me as minhas noites do Theatro Académico, o Lagoaça, o Ferreira da Silva e o May de Oliveira.

O publico ouve, interessa-se, e acaba applaudindo.

Chega o primeiro intervallo. No bufete ha animação extraordinaria.

Por toda a parte encontro conhecidos Parece o jogo dos abraços.

O Primeiro Marido de França é a historia dum pae de familia que vem a Paris, para casa do genro, em companhia da mulher que o julga o mais exemplar dos esposos, ao passo que desconfia do genro que é o mais exemplar dos maridos.

Ora o sogro, que é o Cardoso, do Gymnasio, tem em Paris uma amante com quem se corresponde por o telephone do genro.

A mulher, Elvira Torres, surprehendendo numa d'essas correspondências, julga que se dirigem ao genro, a quem exproba o procedimento e que corre para casa da amante do sogro. Este ao ser informado pela mulher corre para matar o genro.

A sogra corre a comprar a amante de fórmula a conseguir o flagrante delicto com o genro.

E Leonor, Palmyra Torres, a esposa falsamente trahida, fica a chorar.

Cae o panno e a gente continua a rir . . .

No intervallo corro a informar-me do comboio.

Parte ás 12 e 12.

Tenho tempo.

O segundo acto passa-se em casa de Aurora, a tal amante, Maria Pia.

Eu gosto immenso de de contar estas peças do meu tempo. Acho-lhe outra graça que não têm as de agora. Sinto-me mais novo quando fallo d'ellas. Porque será?

Em casa de Aurora, junta-se o sogro, o genro, um advogado que é o amante encartado.

A sala de Aurora é alegre, de côr um pouco viva, mas bem pintada e revelando a habilidade bem conhecida do sr. Eduardo Ferraz.

Sucedem-se os episodios comicos e o genro, o Carlos de Oliveira, é apanhado num falso flagrante delicto.

Maria Pia mostra em todo o acto toda a seducção da sua voz, a elegancia do seu corpo, a finura do seu sorriso, a malicia do seu olhar.

Decididamente não ha mulheres como as do meu tempo...

Perdão, minha senhora!

Demais a mais no meu tempo não havia mulheres!

Que estou eu a dizer?...

Também a culpa é toda minha.

Quem me manda a mim andar por fóra, por theatros, sem interesse nenhum?...

Mau! Agora és tu que vaes zangar-te!

O melhor é voltar á peça...

O acto acaba a rir, e, a rir, pergunto eu ao visinho que horas são.

— Meia noite e meia hora.

— Meia noite e quê ?...

— Meia noite e trinta e cinco.

— Lá perdi eu o comboio!

E queria o Carlos de Oliveira que eu lhe fosse fallar, depois de me fazer perder o comboio!

Não me levanto do lugar.

Olho para o clarinete e reconheço um musico pequeno que ha no 23.

Era falso o symbolismo da camisa e da gravata!

Desvio a vista e dou com o meu amigo Machado, tocando extasiado o seu violoncello, o olhar vago. a cabeça num movimento sinuoso e cadenciado, como se boiasse pendida na calmaria de um mar de harmonia.

Sóbe o panno.

O acto é de Cardoso que convence a mulher de que é o primeiro marido da França e que diz sacrificar-se pela felicidade de filha fazendo-se passar pelo amante da Aurora.

Cae o panno e eu ando para o hotel em procura de quarto.

Chega um rapaz novo, de cára rapada a correr, e eu vou a pedir-lhe quarto, quando reconheço um dos actores.

Mette- se no quarto, fecha a porta.

Chega o criado, emfim!

Ao mesmo tempo chega outro a entrega-lhe a chave d'um quarto, cujo nome procura ler.

— É o dois.

— Que é o dois, sei eu!

Vae para o quarto em que se meteu o actor, e experimenta a chave.

— Esse quarto está occupado.

— Que está occupado, sei eu!

Empurra a porta e apparece de dentro uma cabeça.

— Dê cá a chave!

— Pois a chave lhe vinha eu dar!

E ficam-se a cochichar.

Aqui anda coisa! Que bello titulo para um folhetim: *O quarto n.º 2* ou *Amor e mysterio*.

O creado não me responde, olhando para a porta, como se esperasse alguém, indeciso.

Tenho uma inspiração, agarrolhe pelos hombros e digo-lhe:

— Meu caro, depressa, um quarto! Estão a chegar, não quero encontra- los ...

Elle passa a lanterna para a mão esquerda e começa a subir, estendendo- me a direita como se me quizesse guiar.

A mim, que subia, como ninguém, de noite, uma escada ás escuras, atraz d'alguem, sem ninguém me sentir os passos ...

E ainda hoje. Pois então?!

Chegamos ao corredor de cima.

Abro uma porta. Entro no quarto e o meu conductor diz-me:

— Tem v. ex.a duas camas.

— Obrigado, meu amigo, digo-lhe eu, como se recebesse o mais providencial dos favores.

Em baixo ouvem-se as vozes dos que entram a rir.

— Elles! digo eu.

E accrescento baixo:

— Amanhã, no primeiro comboio da Figueira tenho de partir. Necessariamente, acabo eu num tremulo.

— Esteja V. Ex.a socegado.

— Elles!

Soam mais alto os risos. Ponho um dedo nos lábios e fecho de vagarinho a porta.

Elle affasta-se na ponta dos pes.

A porta abre e fecha sem ruido.

Sempre é bom saber-se...

Esqueço o mysterio e adormeço sem fazer caso d'aquelles mosquitos internacionaes da Pampilhosa, com o treno de ferocidade que dão os coiros inglezes dos viajantes da Boot-Line.

Pela manhã acordo bem disposto e marcho para Coimbra a pé para chegar a tempo de fazer a *Resistência*.

Por detraz dos vidros espreita o creado da véspera, muito intrigado por ver sumir-se no campo, pé, o viajante mysterioso que na vespera dissera ter de ir por força para a Figueira no comboio da manhã.

Amor e mysterio...

E ponho-me a andar mais alegre por o meio de olivae e vinhedos.

Muito gosto eu de coisas assim.

T. C.